

## “He tangata, he tangata, he tangata”

He aha te mea nui o te ao?  
Qual é a coisa mais importante do mundo?

He tangata, he tangata, he tangata  
São as pessoas, são as pessoas, são as pessoas.

- Provérbio Maori

Toda a minha vida considerei que as pessoas e as relações que nascem entre elas, quer profundas e duradouras, quer curtas e superficiais, eram a principal razão para estar grata pela vida. Viver sem as (minhas) pessoas sempre me pareceu uma existência impossível. Como seres sociais, os humanos sempre viveram em comunidades, contando e dependendo uns dos outros, partilhando emoções e experiências somos felizes nesta partilha e convivência. Sempre me fascinou a capacidade de crescermos não só uns com os outros mas também, uns pelos os outros. Mesmo quando no meio das dificuldades, tudo parece valer a pena pelas pessoas.

É verdade que nunca poderemos ser compreendidos ou compreender os outros por inteiro, todos nos encontramos sós dentro das nossas mentes sem a possibilidade ou capacidade de total e absolutamente nos partilharmos com os outros. Esta realidade aparentemente lamentável, é na realidade a razão para a existência de uma das capacidades mais extraordinárias do Homem, a capacidade de sentir empatia. Apesar de sermos indivíduos diferentes e individuais, somos também, humanos. Mesmo que de maneira diferentes, todos passamos por experiências e emoções semelhantes, é esta procura por compreender e esta partilha mútua que nos permite criar conexões.

O conceito de empatia é atualmente descrito como "a capacidade de entender e partilhar os sentimentos de outra pessoa" ou, como se costuma dizer, "de nos colocar no lugar de outrem". A empatia é a linguagem universal que ultrapassa qualquer outra, que ultrapassa as palavras e línguas pois encontra-se numa dimensão diferente que utiliza antes sentimentos, sensações, experiências e emoções. É esta dimensão que nos permite ser "humanidade" em vez de apenas "humanos".

Esta capacidade de criação de ligações através da partilha e compreensão, é a meu ver, a verdadeira natureza dos seres humanos, e a **Arte, uma das** mais notáveis formas de materializar esta comunicação. Pensado no contexto da arte, este o conceito de empatia ganha ainda mais significado pois apesar da palavra originar do grego "em", que significa "in", e "pathos", que significa "sentimento", o conceito apareceu quando se tentava traduzir a palavra alemã "Einfühlung", que representava a capacidade de projetar sentimentos num objeto, transformando em algo mais, algo que se pode vivenciar.

O objeto artístico é dotado de significado e de valor através da intenção do artista e da interpretação do espectador, numa relação de troca e de partilha a arte é e tem sido uma maneira de comunicar, representar e evocar empatia. O objeto artístico serve quase como um recetáculo de sentido e empatia, o veículo perfeito para a linguagem universal dos seres humanos, a linguagem dos sentimentos,

sensações e experiências. A arte é uma comunicação permutável, identifica-se como uma relação bidireccional com o público, onde o objeto como veículo, e o artista e o espectador como participantes, são elementos importantes e necessários.

Para mim, toda arte tem o potencial de estimular empatia porque fazer arte é um ato de partilhar. É, por definição, um convite para que outros deixem o seu isolamento e se encontrem com os outros. A arte ajudou no processo de, não apenas visualizar, mas realmente sentir o mundo e as experiências dos outros, e é esta capacidade da arte de nos ligar a outras pessoas e despertar sentimentos dentro de nós, uma das principais razões pelas quais a arte é tão importante.

Esta partilha é a minha crença na arte. O meu projeto é baseado nesse compartilhamento, nessa possibilidade de poder conectar e comunicar com o maior número possível de pessoas. O meu trabalho é autorreferencial porque começa em mim e na minha experiência, mas tenta representar algo para além disso, pois a experiência individual é também de certa maneira, universal porque se enquadra na memória coletiva que todos os seres humanos partilham. É nesta dimensão de indefinição entre o que é meu e o que é de todos, que pretendo trabalhar para criar peças onde seja possível encontrar ecos das experiências dos outros, onde seja possível experienciar esta condição universal que é ser humano.

O meu trabalho guia-se por conceitos como a memória, a auto-descoberta e a condição humana. Quero que, através do meu trabalho, as pessoas reparem nas pequenas coisas que nos compõem como um todo, que se confrontem e consolem, que se relacionem e que pensem nesta condição individual, que é também, coletiva. Ao descobrir-mo-nos, estamos também, a descobrir os outros, e é aqui que assenta a nossa beleza.

O meu processo de trabalho não apresenta um método específico, portanto é possível que o processo se inicie com um interesse especial por um certo material, a partir do qual, através de experimentação e exploração, o conceito surge por si mesmo, ou pode começar a partir de uma ideia ou um sentimento para o qual tenho de encontrar os materiais certos para comunicá-lo. O meu trabalho não apresenta uma identidade muito definida em termos de representação material, dois trabalhos poderão demonstrar linguagens artísticas completamente diferentes mas isso não importa pois o objetivo permanece o mesmo. Apesar desta indefinição é possível encontrar no meu trabalho certos elementos que permanecem como partes mais integrantes do que outras, mostrando-se constantes, mesmo que não representados fisicamente. A efemeridade é um deles.

As minhas peças tendem a ser efêmeras, são peças que nunca podem ser verdadeiramente reproduzidas porque começam e terminam quando são apresentadas, reproduzi-las é torná-las em novas versões de si mesmas. Através desta característica pretendo expor a realidade que tudo na vida tem o seu tempo e tentar com que o público entenda que a verdadeira intenção da arte não é fazer objetos para que possam durar para sempre, mas sim para provocar uma experiência, comunicar algo com o espectador, mesmo que este algo aconteça apenas por alguns momentos.

Outro aspeto importante é que muitas das minhas peças são baseadas, tanto no conceito de memória como em memórias em si. Criar e guardar memórias é uma capacidade comum a todos os humanos e mesmo que diferentes, existem memórias que se apresentam como mais coletivas do que outras são estas que servem de inspiração e matéria de trabalho.

Este é o meu projeto. Aprender a melhor maneira de comunicar com o público, de criar através da arte uma conexão entre, não apenas eu e o espectador, mas entre os espectadores também. A Arte é o veículo para esta comunicação e o mais importante neste projeto não são os objetos, mas as pessoas. A habilidade que a Arte têm de enaltecer a empatia e criar ligações entre indivíduos.

O objetivo do meu projeto "São as pessoas, são as pessoas, são as pessoas".

Doris Salcedo (1958)

Doris Salcedo é uma artista plástica e escultora que nasceu em Bogota na Columbia. O seu trabalho é me uma grande referencia pois a artista recorrentemente trabalha temas difíceis como a dor, o trauma e a perda, dando-lhes uma forma e criando assim um espaço para luto individual mas também coletivo. Todos os seres humanos conhecem dor e perda, é algo que todos partilhamos, mesmo a própria artista Doris Salcedo, visto que muitos dos temas decorrem da sua própria história pessoal. Tal como eu desejo conseguir fazê-lo com o meu trabalho, o trabalho da artista parte do particular para o comum, do interior individual para o interior coletivo.

A maneira poética e muito subtil que a artista trabalha os materiais, muitas vezes itens comuns do dia a dia pois são matérias que já possuem uma memória, parece-me ser uma das suas maiores qualidades. As suas obras tem uma força incrível especialmente pela maneira poética e respeitadora que a artista trata os materiais.

Wolfgang Laib (1950)

Wolfgang Laib é um artista plástico. Nasceu Metzingen na Alemanha e o seu trabalho é muito baseado e influenciado pelas suas viagens à Índia e pela filosofia de Laozi. Escolhi este artista como uma das minhas referencias pela sua maneira incrivelmente bela e poética de transmitir certos aspetos da vida e da passagem do homem no mundo. Trabalha na sua maior parte com matérias naturais, o que significa que muitas das suas peças têm um certo caracter efémero, que mais uma vez, é um dos aspetos mais importantes da vida. A passagem do tempo, a ideia de que nada é permanente mas sim que está em constante transformação, a sua atenção aos pormenores belos da vida.